

A Face De Um Poema

Conto - Léa Ferro

“Poemata:

*Um grande poema
É como um passo
Alimentar amor
Aliviar cansaço!”*



Era tanta poesia, que se perdia por completo entre as métricas versadas do anoitecer. Anoitecia, lentamente, outra vez. Não pode ver nem um mísero e desejado raio de sol naquele dia, assim como no dia anterior e no dia que antecedia este dia anterior.

Às vezes perdia a noção do tempo, mas nunca do espaço. O espaço era redesenhado em seu olhar esmiuçado o tempo todo e isto fazia do seu tempo, apenas um mero contratempo. O espaço era tão pequeno, que era impossível não ter uma noção de cada centímetro que a cercava.

Vivia enclausurada.

Não ousava olhar no espelho, tampouco cometeria o erro de deixar portas e janelas abertas. Não recebia a visita do sol. Não recebia visitas. Por vezes, ouvia as vozes dos outros habitantes da casa como se estivessem distantes, muito distantes. Na verdade, era ela quem estava distante de tudo, mas nunca de si mesmo, para seu infortúnio. O quarto escuro, cobertores e alguns livros eram seus eternos companheiros. Acabou desabituando-se da luz, preferindo as noites aos dias, luas e estrelas eram deuses trajados de luz na escuridão. Passou a gostar dos invernos, por terem as noites mais longas e os dias mais curtos, já não dava tanta importância se o inverno era rigoroso demais e a chuva incessante. Já não havia temor em seu coração. Tinha aprendido a conviver com o medo, como se este, fosse parte da mobília da casa.

Inseparáveis – a vida e a morte caminhavam de mãos dadas em sintonia amorosa.

Odiava, desgraçadamente, a sua memória. Queria perde-la para sempre, por toda a eternidade. Lembrar era doloroso e insuportável, mas sempre se lembrava. A memória, como eximia traidora dos desejos, a fazia reviver cada momento, toda vez que em clausura se encontrava.

Como poderia esquecer, que em menos de cinco minutos seu rosto jovial e inocente se deformava completamente e o ar lhe faltava nos pulmões?

Sem posse de rugas ou manchas, a pele alva que emoldurava os olhos esverdeados, se transformava em algo tão monstruoso, que jamais seria capaz de imaginar e olha que sua imaginação era bastante fértil.

Com o rosto deformado, o coração disparado e os pulmões comprimidos, deu início aos seus anos de clausura, no quarto solitário que abrigava poemas e canções. Passava tanto tempo naquele quarto, que aprendeu a gostar de poesia, desenho, grafite, palavras. Apaixonou-se pelas palavras rimadas. Mais do que de comida, gostava de poesia, precisava de poesia, respirava poesia e a poesia tornou-se seu oxigênio.

“Poesia é oxigênio!”

Aprendeu a escrever poesia e a respirar pausadamente.

Passava em média uma semana trancafiada até que seu corpo liberava o habeas corpus da dor e permitia rever o sol. Aprendeu a viver só. Aprendeu a ser sua própria companhia e a suportá-la, aprendeu a conviver com o tempo de forma apartidária. Não contava mais o tempo, tampouco o amava. Sabia que era uma questão de tempo, para que a morte a alcançasse.

“Tempo:

*De tempos em tempos
Tenho tanto tempo
E tempo algum
Para ter tempo!”*

Uma vez olhou no espelho e sentiu ódio de si mesma por ser tão covarde, pois sabia que poderia pôr um fim aquela dor com facilidade, mas jamais o faria. A coragem é mérito dos grandes. Ela não tinha tamanha coragem, não com sua mente poluída de culpas e religiosidades mundanas, religiosamente manipuladas por aqueles que precisavam que outros sentissem temor. Não! Ela não seria capaz de findar a própria vida, mas foi capaz de entrar em litígio com Deus. Deus era um menino malvado que criara infinitas regras e o dito temor. Na vida e na morte, Deus estava presente com a sua listinha de certo e errado. Não havia saída, a única saída era, realmente, o litígio. E o fez, sem esforço algum e desta vez não fora atingida pela culpa.

Asfixia.

Embora desejasse a morte centenas de vezes, era humanamente impossível não temer a morte, quando o ar se tornava rarefeito aos passos largos e sua garganta ou pulmão não respondiam aos comandos do cérebro. “Respire! Respire!” repetia para si mesma, como se fosse capaz de mudar a desordem do seu corpo físico. “Respire!” insistia, como um mantra, tentando não entrar em pânico.

Nas madrugadas insones, a poesia era excelente conselheira e a ajudava a manter a mente sã. Não havia nenhum glamour em ser poeta. De pijamas ninguém é elegante ou sexy, mesmo assim, passou a gostar de pijamas. Os pijamas faziam par com o descompromisso em estar elegante e isto a fazia sentir-se menos monstruosa com a face desgovernada.

Com o tempo a beleza deixou de ser uma preocupação, embora não fosse de todo feia, acabou se acostumando em estar com o rosto deformado umas vinte ou trinta vezes por ano. Também se acostumou a ter na face edemas e inchaços, mas desesperou-se quando estes edemas atingiram suas mãos e a uma poesia repousou inacabada no móvel ao lado da cama. Praguejou severamente e toda e qualquer possibilidade de repensar seu litígio com Deus foi por água abaixo. Em vão, tentou segurar a caneta e rabiscar os últimos versos do poema que latejavam em sua cabeça. A caneta dançava em sua mão, rolando de dedo em dedo e não se firmando em dedo algum. O poema inacabado perturbou os seus sonhos e rondou as suas noites até ser esquecido de uma vez por todas. Quando seus dedos voltaram a rotina do des-inchaço o poema já tinha partido com a última réstia de um vento noroeste.

“Poesia muda:

*Poema inacabado,
Angioedema em minhas mãos.
As palavras
Terão de permanecer
Mudas.
(por hora)”*

Outros poemas inacabados surgiram. Alguns não chegaram a ser escritos, ficaram perdidos na brisa que soprava pela janela do quarto com cheiro de maresia, sendo apenas recitados em pensamentos longínquos, segredados para si mesma. Tantos poemas se perderam e nem assim deixou de ser poesia. A poesia passou a fazer parte de tudo.

Poesia.

Cada verso novo tinha cheiro de concha e de mar. Melodia dos oceanos talhados em tinta negra ou azul que reafirmava a vida e as estrofes de sua existência. Rima após rima os anos passaram lentamente e o novo tanto lhe surpreendia quanto lhe apavorava.

Angioedema.

Quando teve edemas em seu abdome pela primeira vez, as profundas dores da alma se tornaram pequenos fragmentos perto da dor física que foi obrigada a suportar. Na realidade não suportou, simplesmente desmaiou. Foi bem mais fácil encarar esta nova realidade com um simples apertar do botão da mente.

“Amo as palavras:

*Folha em branco, macia... que eu AMO
Tinta negra, pena leve, rabisque-AS
Faz-se o poema, no trovão em PALAVRAS.”*

Talvez não tivesse mesmo suportado sem poesia. A poesia, como um bálsamo, acalentava-a imensamente. Torpor! Por sorte, tinha aprendido a respirar calma e pausadamente, evitando sentir mais dor. Com crises abdominais, ela era um soneto, nunca um poema modernista com seus límpidos versos brancos. Jamais! Dez ou doze passos por dia. Era uma lenta caminhada decassílaba ou alexandrina com rimas perfeitas até a chaleira em cima do fogão e seu breve retorno para a cama.

Admirava Frida Kahlo por ter a coragem de desenhar a sua desgraça e expor ao mundo. É bem provável que precisaria muito mais do que coragem para isto e uma boa dose de talento artístico ajudaria e muito. O que não era o caso, mas a admirava mesmo assim, pois poucos tem força o suficiente para demonstrar a sua face sem máscaras. Bem, ela não pretendia mesmo expor a sua face mal talhada.

Máscaras.

Pensou em máscaras muitas vezes, como o Fantasma da Ópera, por quem tinha verdadeira paixão e admiração, mas boa parte do tempo conseguia maquiar a sua feiura em um grande e negro óculos escuros. Passou a gostar de óculos escuros, só não esperava que com o tempo fosse obrigada a usar óculos de grau também. Óculos escuros eram muito mais glamorosos. Só passou a gostar dos óculos de grau, quando alguém lhe disse que era muito mais poético. Foi amor à segunda vista. Praticamente. Fez coleções! Sempre manteve três ou quatro óculos escuros na espreita, com grau, é claro. Não era nada boba.

“Versatilidade:

*Com uns versos soltos
E as palavras tortas,
A poesia
Bateu na porta.”*

Um soneto.

Levou três noites inteiras para conseguir entender o que era um soneto. De início parecia algo simples. Quatorze versos divididos em quatro estrofes, iniciando com dois quartetos e seguidos de dois tercetos, com rimas cruzadas, emparelhadas ou enlaçadas, que poderiam ser decassílabos ou alexandrinos, poderiam ser épicos, românticos, modernistas, mas esbravejou quando descobriu que a contagem de sílabas era baseada em sons. As benditas sílabas tônicas tomaram seus pensamentos noturnos e fizeram acrósticos e haicais parecerem pequenos brinquedos.

Pulou! Descaradamente. Passou a estudar aldravias e prosas, na intenção de esquecer os tais sonetos. O que era impossível, mas precisava, ao menos, ignorá-los por um tempo. O livro de literatura com oitocentas páginas teve muitas destas páginas puladas, embora ela as marcasse com um clip, jurando que voltaria a estudar as páginas boicotadas, nunca o fez.

Imóvel.

Com as crises abdominais se tornando cada vez mais frequentes, passava alguns dias imóvel na cama ou no sofá. Para sua sorte, as crises de abdome quase nunca vinham acompanhadas de crises faciais e ela podia se aproveitar do aparelho de videocassete na sala de estar e saborear o que se tornaria uma nova paixão: o cinema.

Foi ocupando o seu tempo perdido com o cinema que passou a gostar de O Fantasma Da Ópera, o mascarado deformado que vivia em clausura e fora proibido de amar, por sua face ser tão horrenda, que mesmo o amor verdadeiro não fora capaz de suportar, seguido de alguns outros clássicos do cinema como O Paciente Inglês, O Corcunda De Notre Dame, O Médico E O Monstro, Frankenstein e Drácula, aquele que vivia sob as sombras da noite e jamais pode voltar a sentir o sol em sua pele.

Tornou-se um ser completamente noturno, como o Drácula, sem a força e os superpoderes, mas com a mesma maldição e dor, e como o Drácula, todo o problema estava no sangue. Sangue! Fonte da vida e da morte.

Levou exatos trinta e quatro anos para ouvir a palavra diagnóstico, que veio seguida da palavra tratamento, mas que não veio seguida da palavra cura. Isto foi uma enorme decepção. Tinha esta doença que a deformava desde que nascera e acreditava que um dia ouviria a palavra certa para livrá-la de todos os seus problemas, acreditava na evolução da medicina e no avanço da tecnologia. Ela mesma fora usada como cobaia dezenas de vezes. Era um ser voltado totalmente voltado para o futuro. Embora fosse contemporânea, adorava a ciência e acreditava que ela representava a verdadeira mudança no mundo. A raça humana teria sido extinta sem os avanços científicos.

Angioedema Hereditário – AEH

“Edemas:

AEH

Em meu DNA.

Em meu sangue:

Paixão, loucura e poesia.

Bossa nova. Vida breve.

Drummond e minha teimosia.”

Herança genética no DNA genérico e cromossomos com letrinhas mutiladas. Basicamente no décimo primeiro cromossomo, que não faz o formato de um x, mas de um y e o ípsilon nem ao menos fazia parte do nosso alfabeto quando ela nascera. Vai ver foi por este motivo a deformidade genética no

sangue e o fanatismo pelas letrinhas. Diagnóstico sem cura entre as raríssimas doenças no sangue vampiresco que lhe atormentava.

Não há poesia que se sustente muito tempo sem os azuis dos céus e os verdes dos mares dos nossos olhos.

As drumonianas pedras no meio dos caminhos se faziam presentes mais uma vez e suas pálpebras cansadas se cerraram diante a imensidão de sua existência fatídica. Sentiu seus versos se perderem entre a rima e a métrica. Não se formam estrofes sem versos, nem poemas sem estrofes, nem vida sem poemas e estava de mal dos sonetos há muitos anos.

Era preciso rever seus conceitos e fazer as pazes com os sonetos. Amados sonetos. Intrépidos sonetos. Sonoros sonetos. E o fez. Voltou a amá-los e a redesenhá-los de forma muito mais sublime e despreocupada.

Escreveu dezenas, centenas, mas não se fartou dos sonetos. Introduziu-os nas prosas e nas mãos malfadadas.

A face de um poema estaria para sempre presente em seu sangue. Em sua face!

A poesia tornou-se vital. Cada cromossomo seu era rabiscado pelos versos que a guiava. Como tatuagem na pele a poesia fazia parte do seu ser habitado de letrinhas. Acordava poesia. Adormecia poesia.

Sê poesia!

“De amor:

*De amor eu morrerei
Poesia eu serei
Até chegar...
A eternidade.”*

Léa Ferro. Agosto de 2015

Site: www.leaferro.com